

## Análise das menções sobre religião em obras de Skinner: Uma perspectiva sistêmica e complexa

### *Analysis of mentions of religion in Skinner's works: A systemic and complex approach*

 ROBERTO SALBEGO DONICHT<sup>1</sup>

 CARLOS EDUARDO LOPES<sup>2</sup>

 CAROLINA LAURENTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

<sup>2</sup>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

### Resumo

A religião está dentre os vários temas de interesse humano investigados por analistas do comportamento. Menções a análises de B. F. Skinner sobre a religião são recorrentes nos estudos sobre essa temática na área, a despeito de haver divergências entre esses estudos. Considerando esse aspecto, o objetivo deste artigo foi sistematizar as discussões skinnerianas sobre a temática da religião. Para tanto, foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual que mapeou e sistematizou 530 ocorrências de termos com o radical “relig” encontrados em livros de Skinner. As ocorrências foram coligidas em categorias temáticas que deram relevo a diferentes noções utilizadas por Skinner para abordar a temática da religião: comportamento religioso; controle religioso; agência controladora religiosa; educação religiosa; controle ético religioso; autocontrole religioso; religiosidade. Em suas análises, Skinner recorreu a aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais para examinar diferentes noções atreladas à religião, além de ponderar malefícios e benefícios do controle institucional religioso para o indivíduo e para o grupo. O panorama conceitual construído permite concluir que Skinner apresentou um sistema religioso para tratar da temática religiosa, no qual são utilizados de modo integrado e inter-relacionado diferentes noções e níveis de análise, de forma a lidar com a complexidade do tema. A sistematização terminológica apresentada neste estudo pode ser uma ferramenta conceitual heurísticamente útil para reavaliar as críticas dirigidas à análise skinneriana do assunto; examinar a literatura analítico-comportamental dedicada ao tema; e abordar de forma mais abrangente discussões contemporâneas sobre a religião de uma perspectiva analítico-comportamental.

Palavras-chave: religião, Skinner, comportamentalismo radical, pesquisa teórico-conceitual.

### Abstract

The behavior analysis field includes studies on religion, and despite differences in these studies, B. F. Skinner's analysis of religion is often referenced. This article provides a systematization of Skinner's views on religion. The theoretical-conceptual analysis involved identifying and categorizing 530 occurrences of terms related to the radical "relig" in Skinner's books. These occurrences were grouped into thematic categories, revealing that Skinner used a religious system to address the topic of religion. He considered different notions and levels of analysis in an integrated way to deal with the complexity of the subject. The occurrences were collected into thematic categories that gave relevance to different notions used by Skinner to address the theme of religion, like: religious behavior; religious control; religious controlling agency; religious education; religious ethical control; religious self-control; religiosity. He also examined phylogenetic, ontogenetic and cultural aspects to explore different notions linked to religion, weighing the harms and benefits of religious institutional control for the individual and the group. This terminological framework can be a useful conceptual tool for reassessing the criticisms leveled at Skinner on the subject, exploring behavior-analytic literature on the topic and more comprehensively approaching contemporary discussions about religion from a behavior-analytic perspective.

Keywords: religion, Skinner, radical behaviorism, theoretical-conceptual study.

NOTA. FINANCIAMENTO: ESTE TRABALHO FOI FINANCIADO PELA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – BRASIL (CAPES) VIA BOLSA DE MESTRADO (PROCESSO 40002012028P1) PARA O PRIMEIRO AUTOR, E PELO CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ), POR MEIO DE PROJETO APROVADO NO EDITAL UNIVERSAL 2021, COORDENADO PELO SEGUNDO AUTOR E DO QUAL A TERCEIRA AUTORA TAMBÉM É PARTICIPANTE (PROCESSO NO 423361/2021-0).

✉ robertodnicht@gmail.com

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V21I1.18857](http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v21i1.18857)

A religião é uma das temáticas de perene interesse humano, uma vez que, no decorrer da história, ela tem afetado tanto o comportamento de indivíduos como a estruturação de sociedades inteiras (Hayes, 1984; Rodrigues & Dittrich, 2007; Sampaio, 2016). Justamente por isso, a Análise do Comportamento não tem se furtado a examinar a religião (Guerin, 1998;

Hayes, 1984; Luiz & Knaut, 2017; Rodrigues & Dittrich, 2007; Sampaio, 2016; Schoenfeld, 1993; Strand, 2009). Os trabalhos analítico-comportamentais voltados para essa temática têm, no entanto, discutido a religião a partir de diferentes perspectivas.

Alguns estudos da área buscaram entender as raízes filogenéticas do componente supersticioso que estaria na base do comportamento religioso, caracterizado por explicações animistas (Luiz & Knaut, 2017). Outras reflexões têm dado destaque à aprendizagem socioverbal de aspectos ontogenéticos (e.g., um senso de perspectiva ou lócus), e de tipos de comportamentos e variáveis responsáveis pela experiência de “espiritualidade” e das crenças religiosas individuais (Hayes, 1984; Strand, 2009). Alguns estudos têm explorado, ainda, a dimensão sociológica ou institucional, discutindo a religião como uma agência controladora que constantemente busca aumentar o seu poder de controle sobre a comunidade, construindo práticas culturais eficientes em manter e adquirir novos membros (Guerin, 1998; Rodrigues & Dittrich, 2007). Por fim, há esforços interpretativos que visam articular diferentes conceitos na compreensão da temática religiosa, alertando para a necessidade de se mobilizar diversas noções para um entendimento mais adequado da natureza complexa da religião (Sampaio, 2016; Schoenfeld, 1993).

Essas diferentes análises nem sempre são convergentes. Por exemplo, Strand (2009) argumenta que o reforçamento social não é um aspecto relevante para a compreensão da religião, afastando-se, com isso, das análises de Guerin (1998) e Rodrigues e Dittrich (2007), que enfatizam o caráter irremediavelmente social das práticas de agências controladoras religiosas.

Não obstante a diversidade de perspectivas analítico-comportamentais sobre a religião, as reflexões de B. F. Skinner sobre essa temática são, geralmente, mencionadas nos estudos da área (e.g., Guerin, 1998; Hayes, 1984; Luiz & Knaut, 2017; Rodrigues & Dittrich, 2007; Sampaio, 2016), ainda que, não raro, sejam alvo de crítica. Por exemplo, Luiz e Knaut (2017) argumentam que Skinner ignorou os aspectos filogenéticos da religião – uma crítica complementada por Hayes (1984), que acusa Skinner de ter enfatizado apenas os aspectos institucionais da religião.

Entretanto, essas críticas têm partido de um número reduzido de textos de Skinner, apresentando uma análise fragmentária das discussões desse autor sobre a religião. Skinner tratou da religião tanto de um ponto de vista pessoal (e.g., Skinner, 1976/1984b, p. 60-61, 106-112, 252-255; Skinner, 1979, p. 187-199, 278; Skinner, 1984a, p. 61-62, 121-127, 222-223, 242-246, 358-360), quanto de uma perspectiva acadêmica, tomando-a como objeto de investigação para uma ciência do comportamento (Skinner, 1953/2005a, 1971, 1974, 1978, 1989). Essa diversidade de análises e de textos deve ser considerada para evitar uma leitura parcial e pouco precisa das contribuições de Skinner para a discussão da religião.

Partindo da necessidade de se construir uma análise mais detalhada e abrangente sobre a religião na área (cf. Hayes, 1984; Sampaio, 2016; Schoenfeld, 1993), e do fato de que as reflexões skinnerianas têm sido frequentemente mencionadas de forma fragmentária em estudos analítico-comportamentais do assunto, o objetivo deste artigo é sistematizar as discussões de Skinner sobre a temática da religião. Compreende-se que essa síntese integrativa pode colocar em bases conceituais mais claras as discussões do autor sobre o tema e, com isso, contribuir com a apreciação e a produção de estudos da área interessados nessa problemática.

## Método

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual. Considerando a disponibilidade de material para consulta, as fontes utilizadas foram capítulos extraídos de 16 livros de Skinner; dois livros editados por Epstein – o livro de anotações de Skinner (Epstein, 1980) e a coletânea *Skinner for the classroom* (Epstein, 1982); a edição definitiva da coletânea *Cumulative record*, editada por Laties e Catania (1999) – que contém todos os textos publicados nas edições anteriores dessa coletânea (ver Tabela 1). Além dos textos publicados nesses livros, o artigo *What religion means to me* (Skinner, 1987b) foi selecionado por se tratar de um texto no qual Skinner discute diretamente a sua relação com a religião. O livro *The analysis of behavior: A program for self-instruction* (Holland & Skinner, 1961) não foi considerado por se tratar de um material de instrução programada.

**Tabela 1***Lista dos livros analisados*

<b>Ano de publicação original</b>	<b>Livros</b>
1938	The behavior of organisms
1948	Walden Two
1953	Science and human behavior
1957	Schedules of reinforcement
1957	Verbal behavior
1968	The technology of teaching
1969	Contingencies of reinforcement
1971	Beyond freedom and dignity
1974	About behaviorism
1976	Particulars of my life
1978	Reflections on behaviorism and society
1979	The shaping of behaviorist
1980	Notebooks B. F. Skinner
1982	Skinner for the classroom
1983	Enjoy old age
1984	A matter of consequences
1987	Upon further reflection
1989	Recent issues in the analysis of behavior
1999	Cumulative record: Definitive edition

Para identificar e selecionar os capítulos de cada livro pertinentes ao tema da pesquisa foi realizada uma busca pelo radical *relig* utilizando o recurso de busca Ctrl+F nas versões digitalizadas das referidas obras. Nesse processo, as repetições de textos decorrentes de republicações foram excluídas.

Os capítulos selecionados foram organizados conforme os seguintes passos: I - identificação de todas as páginas com a ocorrência do radical *relig* em cada um dos livros; II - identificação dos capítulos em que o radical foi encontrado em cada livro; III - identificação da frequência com que o radical aparecia em cada capítulo de cada livro; IV - hierarquização dos textos de acordo com a frequência de ocorrência do radical.

A hierarquização dos textos selecionados se deu da seguinte forma: capítulos que apresentavam nove ou mais ocorrências do radical *relig* foram lidos e documentados na íntegra; capítulos com menos de nove ocorrências do radical *relig* foram lidos parcialmente, com destaque para os trechos em que constavam as palavras compostas pelo radical. Essa delimitação do número de ocorrências do radical *relig* seguiu um critério de viabilidade da realização da pesquisa, além de estar orientado pela hipótese de que capítulos com menos ocorrências do radical buscado, presumivelmente, apresentariam análises menos detalhadas sobre a temática da religião.

A documentação dos capítulos selecionados foi feita com base em dois modelos de tabela, conforme o número de ocorrência do radical *relig* encontrado. Os capítulos com mais de nove ocorrências tiveram os seus resultados registrados em uma planilha do *Excel* contendo as teses de Skinner sobre a temática religiosa. Uma tese era reconhecida quando o autor afirmava ou criticava algo sobre a religião, ao examinar, por exemplo, definições, teorias sobre o surgimento e funções da religião. A descrição dessas teses era sustentada por citações diretas extraídas do próprio capítulo lido na íntegra. O artigo *What religion means to me* (Skinner, 1987b) também foi submetido a esse procedimento.

Já nos capítulos com menos de nove ocorrências do radical *relig*, foram considerados apenas os trechos nos quais havia a ocorrência do radical, buscando construir um comentário interpretativo sobre o que estava sendo abordado sobre religião em cada trecho. Se não fosse possível realizar um comentário interpretativo, eram então lidos parágrafos anteriores até que fosse possível construir uma interpretação sobre como Skinner estava tratando a religião naquele trecho. Os resultados foram registrados em outra planilha do *Excel*.

O registro do material nas tabelas foi analisado com base em duas estratégias. Primeiro, as ocorrências do radical *relig* identificadas em cada livro foram quantificadas, eliminando repetições decorrentes de republicações. Com isso, foi possível responder à questão de quanto e onde Skinner tratou da temática da religião. Em seguida, as teses e os comentários interpretativos foram agrupados em categorias de análise, criadas a partir das informações sistematizadas nas tabelas, com o propósito de apresentar uma organização terminológica para as discussões de Skinner sobre o tema. Isso permitiu mostrar como Skinner tratou da temática da religião.

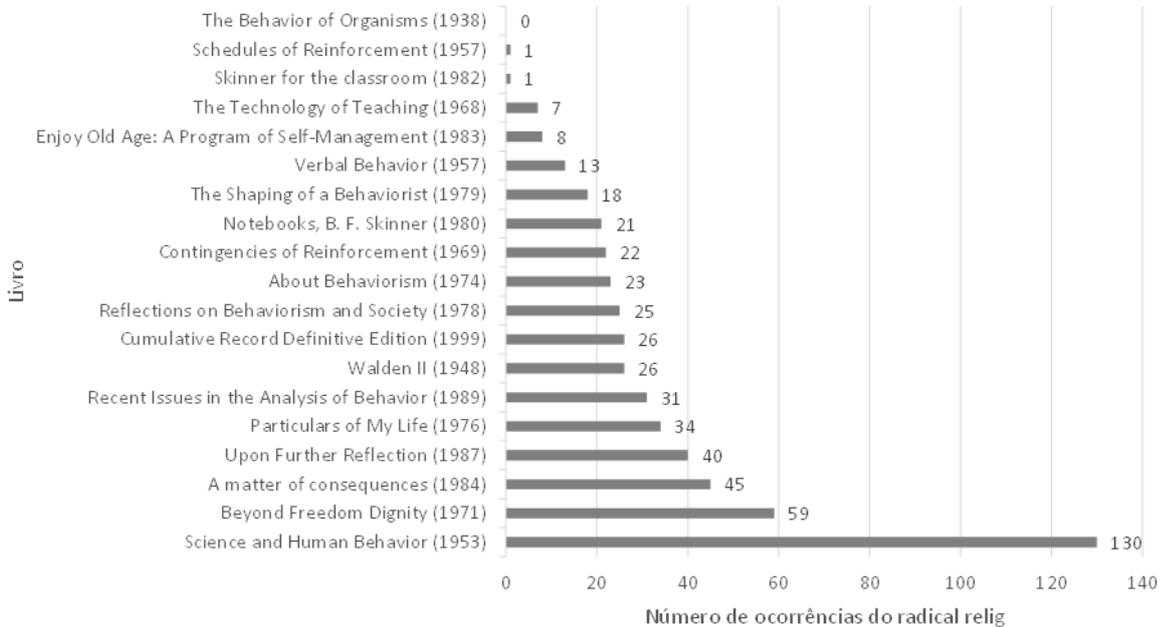
## **Resultados**

### **O Quanto e Onde Skinner Tratou da Temática da Religião?**

Foram identificadas 530 ocorrências de palavras com o radical *relig* nos livros selecionados e sete no artigo *What religion means to me* (Skinner, 1987b). Na Figura 1 consta a distribuição do total de ocorrências do radical *relig* por livro considerado para análise.

**Figura 1**

*Número de ocorrências do radical “relig” em cada um dos livros de Skinner em ordem crescente de frequência.*



Como pode ser verificado na Figura 1, *Science and human behavior* (Skinner, 1953/2005a) foi o livro que apresentou o maior número de ocorrências de palavras que continham o radical *relig*. Esse resultado era esperado, pois nesse livro há um capítulo dedicado exclusivamente à discussão da religião como agência controladora. Na sequência, as três obras que mais apresentaram ocorrências de termos relativos à religião foram *Beyond freedom and dignity* (Skinner, 1971), o volume três da autobiografia de Skinner, *A matter of consequences* (Skinner, 1984a) e a coletânea *Upon further reflection* (Skinner, 1987a).

As obras com o menor número de ocorrências de palavras com o radical *relig* foram *Schedules of reinforcement* (Ferster & Skinner, 1957/2014) e *Skinner for the classroom* (Epstein, 1982) – desconsiderando as repetições decorrentes de textos republicados nessa coletânea. *The behavior of organisms* (Skinner, 1938) foi o único livro em que nenhuma palavra com esse radical foi encontrada.

## De que Forma Skinner Abordou a Temática da Religião?

As análises dos textos selecionados permitiram uma organização das declarações skinnerianas sobre a temática religiosa em quatro categorias distintas: comportamento religioso; controle religioso; agência controladora religiosa; e religiosidade.

Comportamentos religiosos são aqueles controlados por contingências raras ou acidentais com atribuição causal sobrenatural. O controle religioso consiste na atribuição causal sobrenatural, como forma de explicação para a ocorrência de eventos raros ou acidentais, com a função de controle social. Religião é um tipo de agência controladora que utiliza controle religioso, sendo composta por membros supostamente capazes de intervir, mediar ou, no mínimo, prescrever formas para lidar adequadamente com causas sobrenaturais. Religiosidade é entendida como qualquer comportamento religioso em que o controle não é explicitamente institucional, ou seja, que não é organizado por uma agência controladora.

É importante ressaltar que essas categorias não foram estabelecidas *a priori*, mas construídas com base na análise da compilação dos trechos selecionados, considerando as teses e comentários sistematizados nas tabelas. Além disso, tais categorias nem sempre foram utilizadas literalmente por Skinner, sendo adotadas, aqui, como um recurso heurístico útil para dar relevo às diferentes dimensões da abordagem do autor de questões relativas à temática da religião.

Na sequência será apresentada uma articulação das discussões skinnerianas em cada uma das categorias, considerando o material analisado.

### Comportamento Religioso

Na base das práticas religiosas estariam comportamentos que podem ser classificados como religiosos. Esse tipo de comportamento pode ser compreendido analisando algumas características filogenéticas da espécie humana. Para Skinner (1953/2005a, 1971, 1978), a espécie humana adquiriu ao longo de sua história evolutiva uma grande

suscetibilidade a consequências imediatas, que estaria na base do próprio condicionamento operante (Skinner, 1981). No entanto, essa suscetibilidade também permitiu o controle do comportamento por contingências raras ou até mesmo acidentais<sup>1</sup>. Isso porque a mera imediatividade de uma consequência reforçadora pode ser suficiente para fortalecer uma resposta que a antecedeu, independentemente dessa relação comportamental ser “factual” ou “supersticiosa”.

Além dessa suscetibilidade a consequências imediatas, há mais duas características humanas importantes para a compreensão de comportamentos religiosos. A primeira é a possibilidade de ocorrência de condicionamento (respondente e operante) pela exposição única a certos eventos intensos, como um acidente traumático (Skinner, 1953/2005a). A segunda é o comportamento verbal, que aumentaria as chances de controle por contingências raras ou acidentais. Nas palavras de Skinner (1953/2005a):

O comportamento verbal é especialmente propenso a demonstrar esse tipo de “mágica” devido à falta de uma conexão mecânica entre uma resposta e um reforçador... Tendo dito pare para as pessoas de modo bem-sucedido, ele pode gritar “pare” para uma bola rolando fora de alcance. Embora possamos provar que a sua resposta não possui efeito sobre a bola, é da natureza do processo comportamental que a resposta mesmo assim adquire força. (p. 351)

Para os propósitos deste trabalho, dois aspectos merecem ser destacados do trecho anterior. Primeiro, que comportamentos verbais podem ser generalizados e dirigidos a organismos não-humanos ou mesmo objetos inanimados. Segundo, que o comportamento verbal cria contexto para conexões causais não mecânicas entre eventos. Esses aspectos facilitam a atribuição de conexões causais espúrias entre ações e eventos que podem ser considerados supostamente sobrenaturais.

Partindo dessas características da espécie humana, é possível definir comportamentos religiosos como: comportamentos controlados por contingências raras ou acidentais com atribuição causal sobrenatural. Esses comportamentos são favorecidos e potencializados pela suscetibilidade a consequências imediatas, pela capacidade de condicionamento mesmo quando a consequência ocorre uma única vez, e pelo comportamento verbal, que possibilita o controle por conexões causais não mecânicas entre eventos, bem como a atribuição de causas sobrenaturais para explicar certos comportamentos.

### ***Controle Religioso***

As relações de contingências raras ou acidentais com atribuição de causalidade sobrenatural que caracterizam os comportamentos religiosos podem ser usadas pelos membros de uma comunidade verbal como forma de controle social. Como argumenta Skinner (1953/2005a):

Nós também afetamos o comportamento dos outros utilizando consequências reforçadoras acidentais de um tipo positivo. “Você viu, se não tivesse seguido o meu conselho, você teria perdido essa agradável surpresa”. Isso está a apenas um pequeno passo da reivindicação de ser capaz de mediar reforçamentos positivos futuros – ser capaz de “trazer boa sorte”. A reivindicação pode ser usada para induzir outras pessoas a conceder favores, pagar dinheiro, e assim por diante. (pp. 351-352)

Indivíduos da comunidade podem utilizar explicações com conexões causais supostamente sobrenaturais para descrever contingências raras e acidentais e, portanto, modelar o comportamento de outrem. São criadas, assim, “regras sobrenaturais” como forma de controle religioso.

Para Skinner (1974, 1978), pode ser difícil descrever todas as relações envolvidas no controle religioso de um comportamento, o que, em um primeiro momento, torna esse tipo de controle “flexível”, no sentido de que pode ser utilizado em diferentes contextos por qualquer pessoa de um grupo, mesmo antes de uma religião formalizada. No entanto, Skinner (1953/2005a) argumenta que é uma questão de tempo para que uma parcela do grupo se especialize na utilização do controle religioso, constituindo uma agência controladora específica.

### ***Agência Controladora Religiosa***

Quando uma parcela do grupo se especializa na utilização do controle religioso, institui-se uma agência controladora religiosa. Esse tipo de agência é definido como uma instituição que deriva seu poder principalmente do uso de contingências raras ou acidentais com alguma atribuição causal sobrenatural (e.g., mundo imaterial e espiritual) para explicar o comportamento e prescrever regras de conduta para os membros do grupo (Skinner, 1953/2005a, 1978).

Conforme descreve Skinner (1953/2005a, 1969/2013, 1978), uma agência controladora religiosa se estabelece a partir da alegação de que determinados indivíduos (e.g., padre, xamã, lama tibetano etc.) possuem a capacidade de alterar, mediar ou, no mínimo, prescrever certas condições sobrenaturais que afetariam a vida terrena (boa ou má sorte em um futuro próximo, apaziguamento do sofrimento etc.) ou, até mesmo, o pós-vida (paraíso ou inferno). Essa alegação cria contexto para o surgimento de uma assimetria de poder entre controlador e controlado, em que o vínculo desse líder religioso com o sobrenatural seria “provado” pelo destaque de consequências decorrentes de contingências raras ou

<sup>1</sup> A distinção entre contingência e contiguidade, que, eventualmente, aparece na literatura da área (e.g., Catania, 1998/1999), só pode ser feita depois que um arranjo experimental testar o caráter factual de uma relação comportamental. Enquanto esse teste não for feito, não há diferença e, por conta disso, manteremos aqui a noção de “contingências acidentais”, que é empregada por Skinner (1953/2005a) nas discussões sobre a gênese de comportamentos religiosos.

acidentais, ou seja, pelo uso do controle religioso (e.g., “se você tivesse feito suas orações antes de sair de casa, isso não teria acontecido”).

O grau de interferência no mundo sobrenatural ou de referência a esse mundo invocado por uma agência controladora religiosa pode variar (Skinner, 1989). Em algumas práticas de agências religiosas, a atribuição sobrenatural é usada apenas para prescrever e justificar determinados comportamentos com consequências reforçadoras no mundo terreno (e.g., a prática da meditação para lidar com angústias existenciais). Já em outras práticas religiosas, a atribuição sobrenatural é utilizada para demonstrar e descrever consequências reforçadoras do pós-vida de determinado comportamento (e.g., agir com humildade aumenta as chances de ter acesso a um pós-vida repleto de reforçadores, geralmente de difícil acesso na vida terrena).

Além da alegação de assimetria de poder<sup>2</sup> entre controlador (gurus, pajés etc.) e controlado (discípulos, crentes etc.), as agências controladoras religiosas conseguem “cristalizar” as regras sobrenaturais advindas do controle religioso, transformando meros conselhos, explicações e sugestões em códigos de conduta. Esses códigos podem ser estabelecidos e transmitidos por rituais (e.g., sacrifícios, construção de *oovos* no Tengrianismo), oralmente (e.g., fábulas, contos e outras narrativas moralizantes) ou, então, por meio da escrita (e.g., livros sagrados). Com essa formalização das regras sobrenaturais, é possível constituir uma contingência entre estímulos reforçadores ou aversivos diferidos (incluindo a descrição daqueles supostamente presentes no pós-vida) e determinados comportamentos terrenos (Skinner, 1953/2005a, 1978, 1989). Da perspectiva skinneriana, cria-se assim um código moral, que classifica os comportamentos terrenos ditos morais e imorais, cada qual produzindo consequências postergadas ou, supostamente, no pós-vida (Skinner, 1987a, 1989).

Skinner (1953/2005a, 1989) cita ainda outras variáveis que podem controlar a classificação de um comportamento como moral e virtuoso ou imoral e pecaminoso, como a seleção de certos comportamentos em detrimento de outros pelo simples papel do acaso (e.g., em uma batalha, vários indivíduos que não emitiram determinado comportamento religioso morreram) e a incorporação de comportamentos idiossincráticos de algum indivíduo importante na agência controladora religiosa: “As técnicas que um santo utiliza para se autocontrolar podem se tornar parte das práticas estabelecidas por uma agência religiosa” (Skinner, 1953/2005a, p. 426).

A formalização das regras sobrenaturais, advindas do controle religioso, até pode trazer benefícios para a comunidade e para os indivíduos, como reduzir a frequência de violência física no grupo (Skinner, 1953/2005a, 1956/1999a). Exemplos dessa formalização de regras sobrenaturais podem ser encontrados em “livros sagrados”, como a bíblia: “Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Bíblia, 2021, Romanos 13:9). No entanto, Skinner (1978, 1987a, 1989) ressalta que tais regras sempre acabam tendo como principal função a sobrevivência da agência religiosa, da qual depende a manutenção e eventual expansão de seu poder de controle.

Nessa busca por ampliação e aprimoramento de seu poder de controle, as agências religiosas podem utilizar reforçadores que estão disponíveis no contexto de uma comunidade (e.g., proteção grupal ou auxílio laboral) para reforçar e punir determinadas classes de comportamentos (e.g., reforçando comportamentos que estão de acordo com as regras sobrenaturais religiosas) e estabelecer um pareamento com estímulos classificados como imorais para a produção de culpa e remorso (Skinner, 1953/2005a, 1987a). Desse modo, Skinner argumenta que utilizando de atribuições causais sobrenaturais, que apelam para consequências futuras (diferidas ou até do pós-vida), as agências religiosas conseguem justificar e embasar o seu poder de controle.

**Educação religiosa: Como a religião mantém e amplia seu poder?** Algo importante para o poder de controle das agências religiosas é a capacidade de colocar indivíduos sob controle de certos estímulos verbais religiosos (e.g., promessa do céu, ameaça do inferno, possibilidades de reencarnação na roda de Samsara, crença de que a bruxa é capaz de trazer boa ou má sorte). Nesse sentido, a educação religiosa torna-se essencial para manter e ampliar o poder de controle de uma agência religiosa, na medida em que permite o aprendizado em larga escala de comportamentos verbais de explicar a ocorrência de eventos acidentais ou raros apelando para causas sobrenaturais.

Como argumenta Skinner: “A educação religiosa contribuiu com esse poder [da agência religiosa] ao parear esses termos [como paraíso e inferno] com vários reforçadores condicionados e incondicionados que são essencialmente aqueles disponíveis ao grupo ético e às agências governamentais” (Skinner, 1953/2005a, p. 353). Dessa forma, a educação religiosa é responsável por tornar os estímulos verbais que compõem um vocabulário religioso (Céu, Inferno, Deus, Diabo, Karma, Bruxa, Feiticeiro, Samsara, Ogum etc.) reforçadores positivos e negativos<sup>3</sup>.

Com isso, Skinner (1953/2005a, 1956/1999b) conclui que os fiéis são religiosos, porque foram deliberadamente reforçados a seguirem as regras da agência religiosa, o que se dá por meio de várias técnicas de controle, como: a constante

<sup>2</sup> Lopes et al. (2018) argumentam que a formulação das regras de uma agência controladora também garante e potencializa a assimetria de poder entre controlador e controlado. Afinal, ser membro de uma agência controladora possibilita o acesso a certos reforçadores (geralmente artificiais e criados pela própria agência) inacessíveis de outros modos. No caso da religião, isso pode ser observado em ritos de iniciação ou, então, no ensino religioso que prepara os indivíduos para desempenharem a função de controlador.

<sup>3</sup> Skinner (1953/2005a) apresenta os eventos aversivos como reforçadores negativos, o que o permite descrever até mesmo a punição em termos de reforçadores: a punição positiva consistiria na apresentação de reforçadores negativos e a punição negativa na remoção de reforçadores positivos.

promessa de consequências futuras poderosas, incluindo consequência no pós-vida (promessa do paraíso e da evitação do inferno, uma reencarnação mais próspera etc.); as mudanças ambientais resultantes de ações de membros da agência controladora religiosa (e.g., auxílio religioso na obtenção de recursos econômicos; espaços de acolhimento e aprovação dos membros da comunidade religiosa); reforçamento respondente<sup>4</sup> de emoções, com constante emparelhamento tanto com estímulos classificados como imorais (e.g., culpa ao sentir desejos “imorais”), quanto com estímulos classificados como morais (e.g., sensação de bem-estar e contemplação ao entrar em uma construção religiosa). Essas técnicas de controle, geralmente, não são discriminadas pelo controlado, dando um sentido sobrenatural ou místico para a gênese do comportamento dos fiéis, muitas vezes identificados como fé. Assim, a fé pode ser entendida como uma forte tendência a agir em conformidade com preceitos religiosos, o que é produto de uma história de condicionamento operante e respondente que não é analisada pelo próprio fiel (Skinner, 1974).

**Controle ético religioso: A organização de contingências pela religião.** O controle ético consiste na classificação de comportamentos como “adequados” e “inadequados” e o estabelecimento de contingências de reforçamento e, principalmente, punição, de acordo com essa classificação (Skinner, 1953/2005a). Esse tipo de controle ocorre antes do estabelecimento de agências, mas ganha maior estabilidade quando formalizado por instituições na forma de leis, mandamentos e códigos. No caso das agências religiosas, o controle ético tende a ser mais inflexível e insensível a eventuais mudanças de contingências, o que justifica a classificação comum de sistemas éticos religiosos como “conservadores”. Essa rigidez se dá por, pelo menos, duas razões. A primeira refere-se às técnicas de controle religiosas citadas anteriormente, que estabelecem descrições das supostas consequências diferidas e do pós-vida como sendo muito mais poderosas que qualquer consequência a curto prazo ou, até mesmo, terrena. Sobre esse ponto, Skinner (1953/2005a) argumenta que a discrepância de acesso a certos reforçadores em determinada cultura influencia no estabelecimento da descrição desses supostos reforçadores do pós-vida:

As características variam de cultura para cultura, mas é questionável se algum reforçador positivo ou negativo bem conhecido não tenha sido utilizado. Para um povo primitivo que depende da floresta e do campo para se alimentar, o Céu é um feliz campo de caça. . . . Para os infelizes é a libertação da dor e arrependimento ou a reunião com amigos e entes queridos que partiram. Inferno, no outro sentido, é um conjunto de estímulos aversivos, que muitas vezes tem sido retratado de forma imaginativa. (p. 353)

A segunda razão encontra-se no fato de que a efetividade do poder de uma agência controladora religiosa depende do quanto certos comportamentos verbais religiosos (e.g., o acesso ao paraíso ou a libertação da roda de Samsara) estão pareados com eventos reforçadores e aversivos condicionados e incondicionados (Skinner, 1953/2005a). Boa parte das técnicas de controle religioso estão voltadas para o constante reforçamento respondente de emoções (e.g., júbilo, culpa, vergonha), mantendo o pareamento entre certos comportamentos e as descrições religiosas sobre o que é moral e virtuoso, e o que é imoral e pecaminoso. Ademais, relações sociais familiares aos fiéis, como a relação pai-filho, rei-súditos, são, muitas vezes, empregadas na descrição de uma autoridade sobrenatural mais poderosa que qualquer autoridade mundana (Skinner, 1953/2005a). Para Skinner (1971), isso pode explicar a insensibilidade de fiéis a certas consequências terrenas, como optar por morrer como um mártir ou recusar a se vacinar se isso contraria regras religiosas.

**Autocontrole religioso: Um controle religioso onipresente.** Realizada essa descrição, é possível agora compreender a importância do estabelecimento de um repertório de autocontrole para os controlados por uma agência religiosa. Embora as agências controladoras religiosas modifiquem constantemente o ambiente para reforçar comportamentos classificados como morais e punir os comportamentos classificados como imorais, é impossível para elas serem onipresentes, onipotentes e oniscientes (Skinner, 1953/2005a). Por isso, o ensino de um repertório de autocontrole é um importante passo para manter e ampliar o poder de controle das agências religiosas. O autocontrole ensinado por agências religiosas amplia a obediência dos fiéis, dispensando a constante vigilância de controladores. Esse repertório de obediência ainda possibilita que a agência religiosa mantenha o controle social em situações futuras imprevisíveis, mesmo que elas não tenham, inicialmente, uma relação explícita com questões sobrenaturais (e.g., qual candidato votar ou como se posicionar em uma situação de crise política, econômica, ambiental ou de saúde). Isso acontece porque os indivíduos foram ensinados a obedecerem ou, no mínimo, considerarem a opinião de seus representantes religiosos como uma regra mais ou menos inquestionável (Skinner, 1953/2005a).

O estabelecimento de um repertório de autocontrole também tem a função de mitigar problemas ocasionados pela sensibilidade filogenética a reforçadores imediatos (Skinner, 1953/2005a, 1978, 1987a). Isso é importante para a manutenção do poder de controle de uma religião, pois, como foi argumentado até aqui, o poder da agência religiosa depende, em boa medida, de comportamentos “voltados para o futuro”. Assim, o enfraquecimento do poder de controle de reforçadores imediatos facilita o estabelecimento de comportamentos relacionados com a aquisição de poderosas

<sup>4</sup> A noção de “reforçamento” no campo do comportamento respondente é empregada por Skinner (1953/2005a) para descrever o processo que aumenta a força de um reflexo condicionado. Esse processo consiste na reapresentação do estímulo incondicionado (reforçador) imediatamente depois do estímulo condicionado, alterando as duas medidas de força do reflexo condicionado: a magnitude da resposta aumenta e a latência diminui. Embora o termo “reforçamento” também seja empregado no caso do comportamento operante, os processos são diferentes: “No experimento pavloviano, um reforçador é pareado com um *estímulo*; já no comportamento operante ele é contingente a uma *resposta*” (p. 65).

consequências diferidas ou do suposto pós-vida (e.g., “E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Maligno, pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre”; Bíblia, 2021, Mateus 6:13). Há ainda a possibilidade de agências controladoras religiosas cooptarem ao seu favor esse poder de controle de reforçadores imediatos, como, por exemplo, a regra de que só é correto ter relações sexuais após o casamento na igreja, o que aumenta o poder de controle da agência sobre os seus membros, condicionando o acesso a um reforçador poderoso (contato sexual) à submissão ao controle institucional (celebrar um casamento).

Em todo caso, o autocontrole pode diminuir a probabilidade de emissão de comportamentos egoístas e impulsivos, ao mesmo tempo em que aumenta a probabilidade de emissão de comportamentos cooperativos e de comportamentos controlados por consequências diferidas. Skinner (1953/2005a, 1978) argumenta que existem várias formas de se ensinar um repertório de autocontrole, mas, no caso de uma agência controladora religiosa, a principal técnica é a punição de comportamentos classificados como “imorais” relacionados a reforçadores imediatos considerados “pecaminosos” pela agência.

**Benefícios e malefícios do controle promovido por agências religiosas.** Uma vantagem do controle religioso, que se mantém em sua posterior formalização por uma agência controladora religiosa, é que as regras sobrenaturais, geralmente, oferecem respostas para questões existenciais da humanidade. Uma dessas questões diz respeito à morte e, mais especificamente, sobre o que aconteceria com a pessoa depois de sua morte. Respostas religiosas, sobretudo aquelas que indicam a existência de uma vida após a morte, podem reduzir a aversividade e o medo associados à morte (Skinner, 1971, 1987a). Ao mesmo tempo, algumas agências religiosas acentuam esse medo, por meio da descrição de cenários horríveis (e.g., Inferno cristão, Naraka budista, Jahannam islâmico) que estariam à espera daquelas pessoas que não se submetem ao controle institucional.

As religiões também costumam manter práticas culturais que descrevem e ensinam a planejar uma cultura, por meio de livros sagrados, ritualísticas, contos religiosos, códigos morais, fábulas (Skinner, 1953/2005a, 1956/1999a). Isso pode ajudar no desafio de como planejar uma cultura cujos membros sejam mais sensíveis a consequências futuras. Devido ao controle ético em larga escala, e ao ensino de um repertório de autocontrole, as agências controladoras religiosas podem tornar os indivíduos de uma comunidade mais disciplinados, unidos e cooperativos. Isso não apenas facilita a convivência grupal, como também diminui a probabilidade de comportamentos “imorais” (e.g., assassinato, traição, egoísmo exacerbado) que ameaçam a sobrevivência da própria comunidade e de suas práticas (Skinner, 1953/2005a, 1971, 1974, 1978). Para Skinner (1987a), isso é especialmente útil em comunidades complexas e populosas, nas quais o controle face a face não é suficiente.

Na medida em que os controlados de uma agência religiosa também estão, geralmente, submetidos a contingências organizadas por outras agências (e.g., governo, economia, psicoterapia, educação laica), é comum o conflito entre as agências que disputam esse controle social. Nessas relações conflituosas, uma agência religiosa pode contracontrolar, ser contracontrolada ou unir-se a uma outra agência controladora. Nesse último caso, Skinner (1953/2005a, 1974, 1987a) destaca um dos principais riscos do controle religioso institucional. Quando várias agências se fundem, surge uma “superagência” (Skinner, 1953/2005a, p. 440). No caso em que essa fusão é protagonizada por uma agência religiosa, múltiplas técnicas de controle social institucional podem ser empregadas para ampliar a difusão de seus valores e práticas (e.g., o financiamento governamental do ensino religioso), tornando o contracontrole cada vez mais difícil (Skinner, 1953/2005a, 1978). Nesse caso, o poder de controle institucional pode ser utilizado exclusivamente para ganhos próprios dos controladores e fortalecimento da agência religiosa, mesmo quando isso representa claras desvantagens para os indivíduos controlados e para a própria comunidade como um todo (Skinner, 1953/2005a, 1971, 1989).

Embora uma agência controladora, secular ou religiosa, seja capaz de realizar planejamento cultural, ela o realiza, prioritariamente, para manter suas práticas culturais vivas e não para resolver problemas do grupo em geral. Esse ponto justifica a desconfiança de Skinner (1978, 1987a, 1989) em relação ao planejamento e implementação de práticas culturais orientadas pelo futuro da espécie por parte de agências controladoras. Essa desconfiança torna-se mais aguda na medida em que Skinner (1987a, 1989) conclui que a resolução de problemas relacionados ao futuro da espécie invariavelmente acarreta em uma diminuição no poder de controle de agências dominantes (religião, governo, economia).

Além disso, de acordo com Skinner (1953/2005a), agências controladoras poderosas, como as religiosas e governamentais, tendem a defender a manutenção de práticas culturais já vigentes, adotando uma posição conformista e conservadora (Skinner, 1953/2005a). Assim, um planejamento cultural governamental ou religioso tende a ser insensível à mudança em contingências, sobretudo quando isso conflita com regras religiosas e governamentais estabelecidas. Isso pode levar à defesa de práticas culturais que já não são mais úteis para a sobrevivência da espécie e, concomitantemente, um ataque a práticas culturais emergentes mais “adaptativas”.

Devido a esse ponto, Skinner (1948/2005b, 1953/2005a, 1974) argumenta que é esperado que haja um conflito entre essas agências poderosas (governo e religião) e a ciência, pois enquanto elas se pautam em uma lógica *a priori* (e.g., dogmas religiosos e ideologias políticas), a ciência se pauta em uma lógica *a posteriori* (análise dos resultados, das consequências e ênfase na experimentação) para tomar decisões.

Outra crítica skinneriana às religiões é a ênfase na responsabilidade individual e autonomia do sujeito para conquistar a própria salvação. O problema central é que o crédito pessoal, mesmo no caso de figuras religiosas (e.g., Maomé, Jesus, santos cristãos), é, não raro, inversamente proporcional ao reconhecimento das contingências responsáveis pelos comportamentos classificados como moralmente bons. Nas palavras de Skinner (1968):

O crédito pessoal sobrevive quando a cultura simplesmente pune o mal comportamento, porque o comportamento bom não é especificado pelas contingências, mas técnicas que ensinam autogoverno direta e efetivamente não deixam espaço para um “eu” ser admirado. (p. 193)

Em outras palavras, quando desconhecemos as variáveis que controlam um comportamento moralmente bom, temos mais chances de explicá-lo recorrendo a “virtudes”, como disciplina, autonomia, responsabilidade e outras noções tomadas como capacidades individuais intrínsecas e descontextualizadas<sup>5</sup>. Desse modo, a tese de que a salvação só depende do que o indivíduo faz está alinhada a práticas culturais mentalistas, incompatíveis com uma concepção comportamentalista de ser humano e hostis a uma ciência do comportamento.

No entanto, a crítica de Skinner à autonomia e responsabilidade individual, propagadas por certas religiões<sup>6</sup>, não significa uma defesa de um indivíduo passivo e resignado. A lógica da resignação a controles aversivos, comum em diferentes doutrinas religiosas (como cristãs, budistas, hinduístas), também se torna um problema quando religiões a convertem em um princípio universal:

Há circunstâncias na qual essa solução [resignação] pode ser recomendada. Se alguém não pode se banhar, aceite o fedor. Se alguém deve trabalhar, não resmungue. Se alguém deve sofrer, sofra em silêncio. Se alguém deve morrer, que morra sem medo. Mas isso não deveria ser aceito como um princípio universal. Geralmente, alguém consegue escapar de cheiros fedorentos, trabalho exaustivo e uma precoce e dolorosa morte . . . há caminhos melhores: nós podemos minimizar características aversivas em nosso mundo, nós podemos fazer da fuga e da esquiva uma parte insignificante de nossas vidas. (p. 358)

Nota-se que, na perspectiva skinneriana, a adoção de uma atitude de absoluta resignação diante de condições aversivas da vida pode levar a uma inércia por parte dos indivíduos, que perdem de vista a possibilidade de modificar o seu contexto em busca de resolução dessas problemáticas.

### **Religiosidade**

A quarta categoria incluída na análise skinneriana da temática religiosa é a *religiosidade*, entendida como comportamentos religiosos que não são mediados por uma agência religiosa. Importante ressaltar que, ao contrário das categorias anteriores, a noção de religiosidade não aparece nominalmente nos textos analisados, tendo sido criada para dar relevo a um ponto específico das discussões skinnerianas sobre o assunto. Essas discussões encontram-se em *Walden II* (Skinner, 1948/2005b), em especial no capítulo 23.

*Walden II* antecipa a compreensão da religião como agência controladora, apresentada cinco anos depois, de forma detalhada, em *Science and human behavior*. Como a comunidade descrita por Skinner opõe-se ao controle institucional de agências poderosas, não haveria instituição religiosa em *Walden II*, o que é confirmado no livro pelo personagem Frazier: “não precisamos de religião formal, seja como ritual ou filosofia. Mas acho que somos um povo devoto no melhor sentido da palavra, e somos muito mais bem-comportados do que quaisquer mil membros das igrejas escolhidos aleatoriamente” (Skinner, 1948/2005b, p. 166).

Essa citação mostra que, embora *Walden II* não admita uma religião oficial, a importância dos produtos de certas práticas religiosas para o grupo é reconhecida. Por conta disso, a comunidade estabelece práticas seculares que teriam esses mesmos efeitos sem, no entanto, correr os riscos iminentes à institucionalização do controle religioso (e.g., privilégios para os controladores, corrupção e fusão entre agências):

Nós pegamos emprestado algumas das práticas da religião organizada – para inspirar lealdade ao grupo e fortalecer a observância do Código. . . Não há nada de espúrio nisso – não é uma imitação de serviço religioso, e nossos membros não são enganados. A música serve ao mesmo propósito que em uma igreja – torna o serviço agradável e estabelece um clima. A aula semanal é uma espécie de terapia de grupo. E parece ser tudo o que precisamos. Se o Código é muito difícil para alguém ou não parece estar funcionando a seu favor, ele busca a ajuda de nossos psicólogos. Eles são nossos “sacerdotes”, se você quiser. (Skinner, 1948/2005b, p. 166)

Vale ressaltar que nesse processo de secularização de práticas religiosas benéficas ao grupo, as atribuições causais sobrenaturais são abandonadas em favor de explicações científicas fornecidas pela educação e psicoterapia, ou pelo próprio grupo por meio do controle face a face.

<sup>5</sup> Vale ressaltar que a crítica de Skinner (1968) dirige-se às noções de autonomia e autogoverno ético entendidas como capacidades intrínsecas e descontextualizadas. O argumento skinneriano é de que “uma análise cuidadosa das origens do autogoverno nos leva de volta para o ambiente cultural” (Skinner, 1968, p. 193) e de que “o agente autônomo ao qual o comportamento tem sido tradicionalmente atribuído é [na Análise do Comportamento] substituído pelo ambiente” (Skinner, 1971, p. 184). Isso não significa que autonomia e autogoverno ético não possam ser redefinidos em termos comportamentais. Para exemplos desse tipo de redefinição, ver capítulo seis de *The technology of teaching* (Skinner, 1968).

<sup>6</sup> Ao discutir a questão da responsabilidade pessoal, Skinner (1953/2005a, 1971) menciona, predominantemente, religiões abraâmicas, com um breve comentário sobre a Índia, sem citar uma religião em específico, na nota *Acceptance of life* (Skinner, 1980). No entanto, a questão não parece exclusiva a religiões abraâmicas. Por exemplo, Levenson (2019) indica que as práticas do budismo dependem predominantemente das ações do próprio indivíduo (e.g., ênfase na meditação). Assim, é razoável inferir que a crítica skinneriana do destaque dado à responsabilização individual também poderia ser utilizada para problematizar outras religiões.

A questão que fica, então, é: se as funções de uma agência controladora religiosa fossem desempenhadas por outras agências (como em Walden II), seria possível um grupo sem qualquer comportamento e controle religiosos? Se considerarmos as bases filogenéticas para o estabelecimento de um comportamento religioso e a alta probabilidade de os indivíduos utilizarem explicações com atribuições causais sobrenaturais para descrever seus próprios comportamentos e, eventualmente, para controlar o comportamento de outrem, é muito provável que não. Mas sem uma agência religiosa, comportamentos e controles religiosos não ocorreriam constituindo e mantendo uma assimetria de poder entre um controlador (e.g., pastor, rabino, guru etc.) e controlados (e.g., fiéis, adoradores, crentes etc.).

Até mesmo em Walden II parece haver espaço para comportamentos religiosos e controle religioso, desde que isso não ocorra de forma institucionalizada: “Nós não damos aos nossos filhos qualquer treinamento religioso, *embora os pais sejam livres para fazê-lo se assim o desejarem*” (Skinner, 1948/2005b, p. 165, grifos nossos). Em Walden II não há espaço para religião, mas ainda é possível religiosidade.

## Discussão

Os resultados quantitativos obtidos mostram que, embora a discussão mais extensa e sistemática da temática religiosa apareça em *Science and human behavior*, o assunto esteve presente em quase todos os livros considerados para análise.

As diversas assertivas de Skinner sobre religião, dispersas em suas diferentes obras, quando sistematizadas e agrupadas nas categorias aqui propostas (e.g., comportamento religioso, controle religioso, agência controladora religiosa e religiosidade), exibem uma complementaridade que poderia ser consubstanciada na noção de um sistema religioso.

A noção de sistema foi, recentemente, empregada na discussão de Laurenti e Lopes (2023) sobre a estrutura argumentativa do livro *Science and human behavior*. De acordo com os autores, essa obra seria melhor compreendida quando se reconhece a interdependência de suas partes, que constituem uma unidade coerente, exibindo, portanto, um “caráter sistêmico” (p. 79). Partindo dessa concepção, a indicação de um sistema religioso, identificado pelas análises dos textos de Skinner, significa o reconhecimento de que as discussões do autor sobre a temática da religião devem ser analisadas considerando uma unidade argumentativa, na qual as partes estão inter-relacionadas.

Esse sistema religioso é também complexo, pois Skinner recorre a diferentes níveis de análise para examinar a temática religiosa: bases filogenéticas e gênese do comportamento religioso; estabelecimento de controle religioso advindo desses comportamentos religiosos; especialização de uma parcela de um grupo no uso desse controle religioso e, conseqüentemente, institucionalização de tal controle; benefícios e malefícios do estabelecimento de agências controladoras religiosas. Conseqüentemente, algumas críticas dirigidas à análise skinneriana da temática religiosa podem ser colocadas em xeque, como, por exemplo, de que ela teria desconsiderado o nível filogenético (Luiz & Knaut, 2017).

Ao mesmo tempo, a consideração de aspectos filogenéticos, contextualizados nessa análise sistêmica, interdita explicações reducionistas biológicas da temática religiosa. De forma semelhante, a ênfase de Skinner na descrição da religião como agência controladora não deveria ser lida como uma forma de reducionismo sociológico, pois os aspectos sociais envolvidos nesse fenômeno não são instâncias “desencarnadas” (Skinner, 1953/2005a).

É interessante notar que tomadas como parte de um sistema, as análises de Skinner sobre a temática religiosa já contemplavam a recomendação de autores posteriores, como Schoenfeld (1993) e Sampaio (2016), de que uma compreensão adequada da religião não pode se restringir a uma categoria ou dimensão de análise.

Além de possibilitar economia e eficiência descritiva, a delimitação de categorias (comportamento religioso, controle religioso, agência religiosa, religiosidade) para evidenciar as diferentes formas com que Skinner tratou da temática religiosa, e os diferentes níveis de análise nelas explicitadas, oferece uma ferramenta conceitual heurísticamente útil para examinar a literatura analítico-comportamental dedicada ao tema.

Embora boa parte dessa literatura (Guerin, 1998; Hayes, 1984; Luiz & Knaut, 2017; Rodrigues & Dittrich, 2007) tenha examinado de modo pormenorizado um aspecto ou outro da temática religiosa, é importante ter no horizonte as limitações desse recorte. Por exemplo, a análise de Guerin (1998) restringe-se ao nível cultural, desconsiderando possíveis aspectos filogenéticos responsáveis pelo estabelecimento e emissão de comportamentos religiosos, mesmo sem a mediação de uma agência. A análise de Hayes (1984), que se pauta essencialmente em uma dimensão ontogenética do que ele denomina espiritualidade, desconsidera a influência de variáveis culturais, como as técnicas de controle de agências religiosas que reforçam a responsabilização do indivíduo por sua própria salvação e “esclarecimento espiritual”. Com isso, a noção de “perspectiva”, destacada por Hayes como a base da espiritualidade, seria um produto de uma cultura específica, fortemente influenciada por controles religiosos institucionais – mesmo quando isso não é discriminado pelos indivíduos. Finalmente, se adotarmos a perspectiva skinneriana para analisar a temática da religião, ficamos menos inclinados a nos concentrarmos apenas num aspecto ou nível do assunto, e mais atentos a ponderar sobre a multidimensionalidade do tema.

Além de permitir um olhar mais crítico sobre a literatura analítico-comportamental, esse sistema religioso também pode auxiliar no exame de questões atuais acerca da temática religiosa. Por exemplo, partindo da análise skinneriana de religiões como agências controladoras, é possível começar a delinear uma interpretação comportamental de implicações das aproximações entre agências religiosas e outras agências controladoras no Brasil, que têm se desdobrado no fortalecimento de uma bancada evangélica no congresso nacional (Teles, 2022), no surgimento de uma psicologia cristã com tentativas ostensivas de “repatologização da homossexualidade” (Macedo & Sívori, 2018), no recrudescimento de posicionamentos morais-políticos sobre questões relativas à identidade de gênero (Haje, 2020), na intolerância com

religiões de matriz africana (Christ, 2023). Em última instância, todas essas questões podem ser analisadas como formas de manutenção e ampliação do poder de controle de agências religiosas, que quando se fundem ao Estado aumentam a dificuldade de contracontrole.

Esse sistema religioso apresentado por Skinner traz também advertências e precauções importantes sobre uma leitura estritamente individual da religiosidade (geralmente envolvida nas noções de meditação e auto esclarecimento, fé particular, religioso não praticante, retiros espirituais “sem religião”). A adoção de uma perspectiva religiosa individual (religiosidade) desconectada de práticas explicitamente organizadas por uma agência religiosa tende a ignorar possíveis relações com outras agências, sobretudo a econômica (Skinner, 1953/2005a, 1971). Com isso, a religiosidade pode ocultar controles sociais, econômicos, políticos e, em alguns casos, até mesmo da própria religião como agência.

Mesmo sendo um ateu declarado (ver Skinner, 1987b), Skinner não defendeu uma visão de mundo ateuista como modelo de sociedade; o mais perto disso foi um comentário em *Walden II* (Skinner, 1948/2005b), em que o autor afirma que haveria uma tendência à diminuição da prática religiosa na medida que uma sociedade é capaz de lidar com as demandas de sua comunidade. De todo modo, Skinner (1953/2005a, 1987b) não defendeu explicitamente a extinção de agências controladoras dominantes, principalmente em uma sociedade composta por muitas pessoas, na qual o controle face a face já não seria eficaz. Ainda assim, Skinner (1953/2005a, 1978, 1987a) mostrou-se receoso com o poder excessivo de agências controladoras – o que inclui a religião –, sugerindo que a educação e o aumento de um repertório científico nos membros de uma comunidade seriam formas de limitar esse poder.

### Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de sistematizar as discussões skinnerianas sobre a temática religião. O resultado dessa sistematização permite concluir que Skinner abordou o assunto em diferentes momentos de sua obra, com destaque, do ponto de vista quantitativo, para a análise da religião como agência controladora em *Science and human behavior* (Skinner, 1953/2005a).

Além disso, as discussões skinnerianas sobre a temática religiosa compõem um sistema complexo, envolvendo diferentes noções inter-relacionadas, bem como a exigência de reconhecimento de aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais. A identificação desse sistema religioso, exposto por Skinner, abre caminho para que pesquisas futuras possam reavaliar as críticas dirigidas à análise skinneriana do assunto, por vezes considerada incompleta ou mesmo ingênua. Caberia também uma reavaliação mais cuidadosa das eventuais rupturas e efetivas contribuições de análises “pós-skinnerianas” sobre a temática religiosa na literatura da área.

Há algumas limitações deste estudo que devem ser consideradas. Em primeiro lugar, a busca do material a ser analisado foi realizada apenas pelo radical *relig*; tal escolha se deu não apenas pela viabilidade da realização da pesquisa no prazo disponível, mas pela compreensão de que palavras compostas por esse radical seriam as mais adequadas para uma primeira delimitação das análises skinnerianas da temática religiosa. Entretanto, termos como *belief*, *creed*, *faith*, *cult*, *spirit(ual)* e *myth(ological)* também podem estar relacionados com essa temática, podendo ser incluídos em futuros estudos que visem complementar os resultados, aqui, apresentados.

Em segundo lugar, a temática religiosa vem sendo discutida por diferentes áreas de conhecimento e por diversos autores (e.g., Barret, 2000; Dawkins, 2007; Durkheim, 1912/1996; Freud, 1927/2014; James, 1902/2019; Nietzsche, 1895/2022, 1883-1885/2018). Este trabalho não pretendeu travar um diálogo com essas análises, restringindo-se à delimitação do exame skinneriano do assunto. No entanto, estudos futuros podem explorar essas interlocuções, avaliando aproximações e distanciamentos entre Skinner e outros autores no que diz respeito à compreensão da religião.

Por fim, esperamos que a categorização proposta aqui para organizar as discussões skinnerianas sobre a temática religiosa (comportamento religioso, controle religioso, religião e religiosidade) forneça um quadro de referência mais sistemático para novos estudos que partam da obra de Skinner. Isso significa não apenas seguir com o emprego dessas categorias em novas análises, mas discuti-las e, se necessário, ampliá-las para contemplar a complexidade da temática religiosa em uma perspectiva comportamentalista.

### Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

### Contribuição de cada autor

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: R. Donicht foi responsável pela concepção, redação e revisão final do artigo. C. E. Lopes contribuiu com a supervisão, redação e revisão final do trabalho. C. Laurenti contribuiu com a redação e revisão final do trabalho.

### Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



## Referências

- Barret, J. L. (2000). Exploring the natural foundations of religion. *Trends in Cognitive Sciences*, 4(1), 29-34. [https://doi.org/10.1016/s1364-6613\(99\)01419-9](https://doi.org/10.1016/s1364-6613(99)01419-9)
- Bíblia Online. (2021). <https://www.bibliaonline.com.br/ara>
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (4a ed., D. G. Souza et al., Trans.). Artmed. (Trabalho original publicado em 1998).
- Christ, G. (2023). Religiões afro-brasileiras enfrentam longa história de racismo – mas resistem. *National Geographic*. Recuperado em 3 de novembro de 2024 de: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/01/religioes-afro-brasileiras-enfrentam-longa-historia-de-racismo-mas-resistem>
- Dawkins, R. (2007). *Deus, um delírio* (F. Ravagnani, Trad.). Companhia das Letras.
- Durkheim, É. (1996). *As formas elementares da vida religiosa* (P. Neves, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912).
- Epstein, R. (Org, 1982). *Skinner for the classroom: Select papers*. Research Press.
- Ferster, C. B., & Skinner B. F. (2014). *Schedules of reinforcement*. B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1957).
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão (P. C. Souza, Trad.). In: *Sigmund Freud: Obras Completas* (Volume 17, pp. 231-301). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Guerin, B. (1998). Religious behaviors as strategies for organizing groups of people: A social contingency analysis. *Perspectives on Behavior Science*, 21, 53-72. <https://doi.org/10.1007/BF03392780>
- Hayes, S. C. (1984). Making sense of spirituality. *Behaviorism*, 12(2), 99-110. <http://www.jstor.org/stable/27759047>
- Haje, L. (2020). Projeto criminaliza promoção de “ideologia de gênero” nas escolas. *Câmara dos Deputados*. Recuperado em 05 de novembro de 2024 de: <https://www.camara.leg.br/noticias/699563-projeto-criminaliza-promocao-de-ideologia-de-genero-nas-escolas>
- Holland, J., & Skinner, B. (1961). *The analysis of behavior: A program for self-instruction*. McGraw-Hill College.
- James, W. (2019). *The varieties of religious experience: A study in human nature*. Prabhat Prakashan. (Trabalho original publicado em 1902).
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2023). Science and Human Behavior como sistema de psicologia: Compreendendo o livro por sua estrutura. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 76–89. <https://doi.org/10.18761/shb017023n>
- Levenson, C. B. (2019). *Budismo: Uma breve introdução*. (R. Janowitz, Trad.). L&PM.
- Lopes, C. E., Laurenti, C., & Abib, J. A. D. (2018). *Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical* (2a ed. rev. e amp.). CRV.
- Luiz, A., & Knaut, J. de F. F. (2017). Um diálogo entre a análise do comportamento e a psicologia evolucionista sobre a influência da filogênese no surgimento do comportamento religioso. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 71-77. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i1.952>
- Macedo, C. M. R., & Sívori, H. F. (2018). Repatologizando a homossexualidade: A perspectiva de “psicólogos cristãos” brasileiros no século XXI. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(4), 1415-1436. <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2018.42242>
- Nietzsche, F. W. (2018). *Assim falou Zarathustra: Um livro para todos e para ninguém* (P. C. Souza, Trad.). Companhia de Bolso. (Trabalho original publicado em 1883-1885).
- Nietzsche, F. W. (2022). *O Anticristo: Maldição contra o cristianismo* (R. Zwick, Trad.). L&PM. (Trabalho original publicado em 1895).
- Rodrigues, T. S. P., & Dittrich, A. (2007). Um diálogo entre um cristão ortodoxo e um behaviorista radical. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(3), 522-537. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000300012>
- Sampaio, P. H. de F. (2016). *O comportamento religioso: Análise da religião e da religiosidade sob uma perspectiva behaviorista radical* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil]. Acervo Digital da UFPR: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/45800>
- Schoenfeld, W. N. (1993). *Religion and human behavior*. Authors Cooperative.
- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms: An experimental analysis*. Appleton Century Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1980). Acceptance of life. In R. Epstein (Ed.), *Notebooks B. F. Skinner* (pp. 358-359). Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-504. <https://www.science.org/doi/10.1126/science.7244649>
- Skinner, B. F. (1984a). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. New York University Press.
- Skinner, B. F. (1984b). *Particulars of my life: Part on of an autobiography*. New York University Press. (Trabalho original publicado em 1976).

- Skinner, B. F. (1987a). *Upon further reflection*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1987b). What religion means to me. *Free Inquiry*, 97(2), 12-13. Recuperado em junho, 24, 2022, em <https://secularhumanism.org/1987/04/what-religion-means-to-me/>
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1999a). Freedom and the control of men. In V. G. Laties & A. C. Catania (Eds.), *Cumulative record: Definitive edition* (pp. 3-18). Copley Publishing Group. (Trabalho original publicado em 1956).
- Skinner, B. F. (1999b). Some issues concerning the control of human behavior. In V. G. Laties & A. C. Catania (Eds.), *Cumulative record: Definitive edition* (pp. 25-38). Copley Publishing Group. (Trabalho original publicado em 1956).
- Skinner, B. F. (1968). *The technology of teaching*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (2005a). *Science and human behavior*. B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2005b). *Walden II*. Hackett Publishing Company. (Trabalho original publicado em 1948).
- Skinner, B. F. (2013). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1969).
- Strand, P. S. (2009). Religion as schedule-induced behavior. *Perspectives on Behavior Science*, 32(1), 191–204. <https://doi.org/10.1007/BF03392183>
- Teles, L. (2022). Bancada evangélica já alcança 80% dos partidos. *Estadão*. Recuperado em 5 de novembro 2014 de: <https://www.estadao.com.br/politica/bancada-evangelica-ja-alcanca-80-dos-partidos-na-camara>

---

Submetido em: 05/06/2024

Aceito em: 04/12/2024